

# De *Orpheu* (1915) a *Portugal Futurista* (1917): três anos de revistas literárias

Ricardo Marques\*

## Keywords

Portuguese Modernism, Literary Magazines, *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Arrière-garde*, *Avant-garde*.

## Abstract

The purpose of our article is to fill the sometimes hazy space around and between the two crucial literary magazines in Portuguese Modernism (*Orpheu* and *Portugal Futurista*), showing a rich panorama of literary magazines, from north to the south, with the most diverse protagonists and intentions, forging bonds with the future and sometimes presenting continuities and bridges with the past.

## Palavras-chave

Modernismo Português, Revistas Literárias, *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Arrière-garde*, *Avant-garde*.

## Resumo

Partindo das duas revistas fundamentais do Modernismo Português (*Orpheu* e *Portugal Futurista*), o propósito do nosso artigo será o de preencher o espaço por vezes nebuloso que existe à sua volta e entre as duas, mostrando um panorama rico de publicações periódicas, de norte a sul do país, com os mais diversos protagonistas e intuítos, tecendo relações com o futuro e por vezes apresentando igualmente continuidades e pontes com o passado.

---

\* Bolseiro de Pós-Doutoramento (IELT/FCSH-Universidade Nova de Lisboa.)

[...] Portugal Futurista. Publicação Eventual, uscita nel 1917 e subito sequestrata dalle autorità, non fu en realtà puramente una rivista d'avanguardia: accanto ai centoni, alle traduzioni o alla riproduzione in originale dei testi programmatici dell'avanguardia italiana, a composizioni versiliber e quasi parolibere, agli Ultimatum, sono incredibilmente presenti i Três Poemas decadentisti di Mário de Sá-Carneiro e gli Episódios esoterici a firma Pessoa. Le due anime del modernismo portoghese continuavano a camminare di pari passo: un passo in avanti, un passo indietro, un passo di fianco...

ToCCO (2007: 42-43)

É comum afirmar-se que é com *Orpheu* que se dá o começo do Modernismo em Portugal.<sup>1</sup> Tal afirmação é verdadeira e falsa ao mesmo tempo, já que subestima um clima de regeneração das letras nacionais que já decorria, sobretudo vindo e sentido no norte, nomeadamente desde o começo da década, com a criação d'*A Águia* (1910-1932). De certa forma, esta torna-se a revista-emblema de um Modernismo nacionalista, já que percorre todo o período que designamos de Modernismo Português, revelando nomes díspares e diversos, assumindo diferentes caminhos e propósitos nas variadas direcções das suas cinco séries. Por outro lado, o próprio ímpeto vanguardista que parece eclodir com *Orpheu* e *Portugal Futurista* poderia fazer pensar que, por essa altura, as revistas nacionais estariam a par e passo com o que se passava lá fora (os *ismos* de Paris e da Europa Ocidental). No entanto, estas constituíam, ao invés, tentativas efémeras de *avant-garde* que não têm grande seguimento no que se publica entre o seu surgimento (1915-1917) ou mesmo depois, em Portugal.

Dada a complexidade e o carácter heterogéneo do Modernismo Português (de que as suas revistas literárias e artísticas são paradigmáticas) é bastante importante analisar as revistas desses primeiros anos do Modernismo à luz de dois movimentos aparentemente contrários, mas que se interligam – *arrière e avant-garde*<sup>2</sup> – e que se plasmam nas revistas literárias nacionais surgidas entre 1915-1917. Esta complexidade terá a ver, na nossa opinião, com uma certa propensão, por um lado, para um nacionalismo exacerbado, quase um protecționismo literário provinciano e cego para o que se faz no resto do mundo (e que efectivamente parece prevalecer, sobretudo com a entrada de Portugal na Primeira Guerra

<sup>1</sup> Artigo escrito no Âmbito da Bolsa de Pós-Doutoramento FCT SFRH/BPD/101758/2014.

<sup>2</sup> Sobre este conceito de *arrière-garde*, cf. Martin PUCHER: "Rear-guardism [...] is located within the field of advancement but it is skeptical of its most extreme practitioners; rear-guardism seeks to correct and contain the avant-garde's excess without falling behind and losing touch with it entirely" (*apud* MCNEILL 2015: 32). Veja-se igualmente o livro de William MARX, *Les Arrières-gardes du XX<sup>e</sup> siècle* (2008).

Mundial em 1916), por oposição a uma atitude cosmopolita e transnacional, virada para fora. A leitura da correspondência de Mário de Sá-Carneiro com Fernando Pessoa, de resto, acaba por ilustrar essa mesma dialéctica, sendo dela uma perfeita síntese. Como se nota por estas cartas, nas suas três estadias em Paris, Sá-Carneiro tomou contacto com as mais vanguardistas figuras literárias e artísticas, influenciando Pessoa e a direcção que *Orpheu* tomaria (numa revista que sintomaticamente se iria chamar *Europa*). Pessoa, por seu lado, recebe esta influência e retransmite-a a Sá-Carneiro, filtrada num dos seus *ismos* – interseccionismo (e de que é exemplo máximo *Manucure*, o poema vanguardista do número 2 de *Orpheu*). Uma complexidade que comprova, no fundo, que “foi nas revistas literárias que o Modernismo começou” (SCHOLÉS, 2010).<sup>3</sup>

\*

Ilustrativo do ímpeto de *arrière-garde* e da propensão para um nacionalismo exacerbado, é o enaltecimento de figuras patriarcais da literatura do passado. Presença constante nas revistas literárias da Primeira República, veremos como no período compreendido entre 1915-1917 isso não constituiu excepção. Na verdade, o ano de 1916 começa logo com uma publicação literária em volume único, que pretende ser, de acordo com o subtítulo, um “arquivo de matérias para um monumento litterario ao Grande Escritor Camillo Castello Branco” e que dá pelo nome de *Camilliana*. Saído no Porto no dia 1 de Janeiro, apresenta uma foto até então inédita do escritor, e com pormenores estéticos bem ao gosto da época (como os motivos *art nouveau* dos bordos ou dos *incipit*). *Camilliana*, “ponto de concentração e convívio de todos os que professam o culto camiliano”, como nos diz Alfredo de Faria no editorial, não pretendia ser um acto isolado, estando “no seu programa a reedição de interessantísimos folhetins [...] do Mestre” (Janeiro 1916, p. 2). Não foi, porém, o que aconteceu. A revista apenas teria este número único, mas inclui logo colaboradores de peso: Eduardo Sequeira, Pinheiro Chagas, Sebastião Lima.

---

<sup>3</sup> Não iremos falar do jornal *O Heraldo* (1916-17) uma vez que este sai do nosso âmbito de “revista literária”, mas não queremos deixar de assinalar a sua importância para a consagração de uma atitude vanguardista uma vez que é um periódico absolutamente ligado ao desenvolvimento do Futurismo em Portugal. Para além disso, é de notar que a eclosão dos *ismos* vanguardistas é feito por manifestos publicados em periódicos, naquilo que é uma característica indiscutível do período. É de lembrar, a título de exemplo desta relevância dos periódicos que, se é no *Figaro* que Marinetti publica o seu Manifesto, em francês, também é no *Diário dos Açores* que sai a primeira tradução em Português, dias depois.



Fig. 1. Capa do número único da revista *Camilliana*.

Já *Gente Lusa* (1916-17) foi uma revista igualmente surgida em Janeiro e que percorre em 10 números e 2 séries todo o ano de 1916 e 1917. O seu propósito, logo denotado no primeiro número (Janeiro 1916, pp. 1-2) é inequívoco:

Não temos programa; não fazemos promessas. *Gente Lusa* não ousa disputar primazias às suas irmãs ilustres, tão pouco pretende marcar nas letras e nas artes pátrias o lugar que caberia a um esforço pioneiro. A sua aparição traduz - quando muito - a aspiração de gente moça para quem a vida é uma primavera constante, um campo de luta onde apraz entrar quichotescamente, com o coração cheio de fé e de vizeira erguida. [...] Nascida numa terra de glorioso passado *Gente Lusa* processará o culto nobilíssimo da Tradição, não para diante dela se quedar em contemplação doentia, antes muito singelamente para na sua força salutar beber alentos para a realização de uma tarefa bem digna da terra portuguesa. Aos novos, àqueles que, como nós, crêem e sonham, iremos pedir um pouco da sua Fantasia [...]

A sua índole, como o nome indica, é eminentemente nacionalista. “*In Hoc Signo Vinces*”, máxima cristã do imperador Constantino I aparece associado ao título logo na capa: *Gente Lusa*. Veja-se agora o seu subtítulo – *Arquivo* – a revista está sempre com um pé no presente e outro no passado, publicando inéditos do início do século e do fim do século anterior. Camilo e Manuel Laranjeira são autores homenageados no afã de compilar informação de referência sobre o que se designa como ‘Letras e Artes portuguesas’. Nele colaboram variadíssimos autores,

alguns ainda hoje lidos e estudados, como é o caso de Leonardo Coimbra (“Aspectos da Vida Religiosa [notas]”, datado de Dezembro de 1915), e inclui um inédito de Júlio Brandão.

António Carneiro, o pintor portuense, é um grande colaborador na parte estética. Em todos os números aparece um desenho seu, normalmente submetido ao tema do número. No caso do primeiro e do segundo, serão respectivamente Camilo e Manuel Laranjeira os homenageados com desenhos seus. No terceiro número aparece o desenho de uma Ronda, uma roda de mulheres dançando, aspecto bem tradicional da cultura portuguesa. Já o número quatro e o número cinco revelam duas fotografias, uma do claustro do Pilar, e outra de uma escultura da figura mitológica de Baco, da autoria de Teixeira Lopes. Nos 5 números da 2.<sup>a</sup> série, já de 1917, surgirá uma miscelânea de suportes e autores: no número 1 é a fotografia de uma jarra (“Manoel Bernardes”, p. 10) vista numa exposição em Lisboa, alusão às conquistas dos Descobrimentos, fabricada na Fábrica da Torrinha, em Gaia. Se do número 2 consta um desenho de Eça por António Carneiro, no número 3 volta a ser uma fotografia, desta feita do Mosteiro do Grijó, e no número 4 novo desenho de Carneiro – “La Bilbaínita” (p. 9) –, uma alusão a um artigo, algumas páginas antes, sobre “Sete Danças de ‘La Bilbaínita’”, de Manuel de Sousa Pinto. O último número tem ainda a mais-valia de reproduzir um desenho do romântico Domingos Sequeira, de índole mitológica (p. 11).

Esteticamente, há uma evolução na gramática dos elementos, no sentido de ainda mais denotar este nacionalismo e de uma maior complexificação do desenho. Adicionalmente, e contrariamente a muitas revistas literárias do período, esta não apresenta qualquer publicidade.

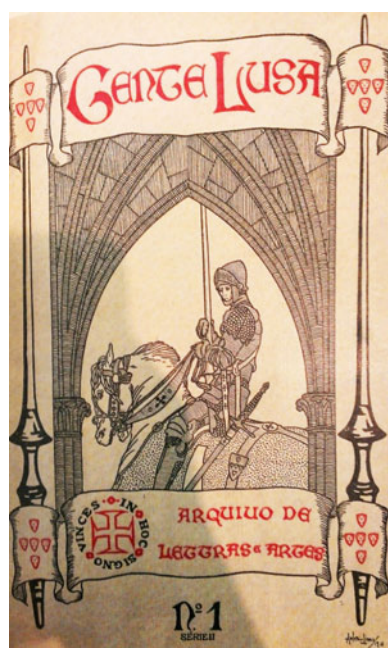
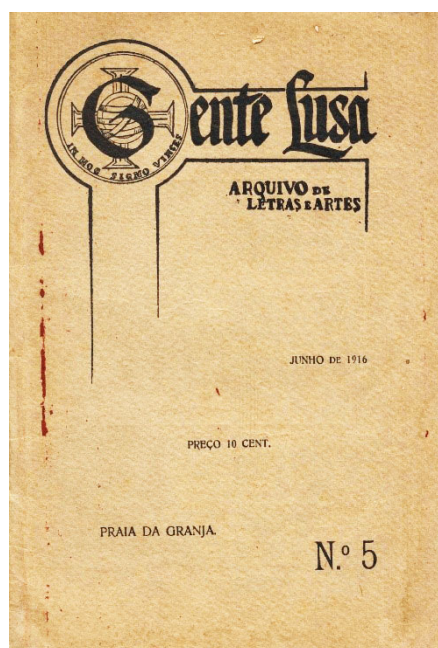


Fig. 2. “Gente Lusa”, n.º 5 (interior). Fig. 3. *Gente Lusa*, n.º 1 da 2.<sup>a</sup> série.

Curiosamente, no primeiro número, dedicado a Camilo, aparece uma crítica muito favorável à *Camilliana* (coluna intitulada de “Livros”, a última página de *Gente Lusa*, p. 26, escrita por Ruy Vaz, o mesmo crítico de arte que mais tarde será co-director, com Pessoa, da revista *Athena* (1924-1925). Aliás, toda a secção é dedicada a Camilo visto o outro livro recenseado ser uma nova edição de *A Brasileira de Prazins*, na colecção “Lusitania”, seu décimo quarto volume, editada pelos “importantes livreiros senhores Lello & Irmãos”, a livraria que todos conhecemos ainda no Porto. Uma colecção que já teria então *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, por exemplo, e que é recomendada encomiasticamente por Ruy Vaz, quer pela “modicidade do seu preço, quer pela sua original e primorosa apresentação” (Janeiro de 1916, p. 18). Assim podemos perceber que esta atenção dada aos clássicos portugueses e ao elemento decorativo de uma estética finissecular da Fantasia, estão de acordo com o propósito expresso logo no editorial do primeiro número, mostrando uma revista ancorada na Tradição (outra palavra-chave do editorial).

Por último, “Ramalho e Bruno” é o nome de um artigo de Pinto de Ribalda (talvez pseudónimo), onde se fala das mortes recentes (em Setembro e Novembro de 1915, respectivamente) dos dois grandes vultos das letras de então e de sempre: Ramalho Ortigão e Sampaio Bruno.

Enquanto o segundo número é dedicado ao pessimista finissecular Manuel Laranjeira (1877-1912), escritor e pensador de Santa Maria da Feira nos números seguintes (3, 4 e 5) não parece haver uma consagração temática a uma personalidade. Laranjeira e Camilo aparecem dispersamente, seja como autores em nome próprio (cartas inéditas, sobretudo) seja como autores estudados. António Augusto Soares de Passos (1826-1860), figura portuense conotada com o Ultra-Romantismo, aparece brevemente no número 3, porém, com cartas escritas durante a Revolução de 1851.

Na recensão literária, a partir do terceiro número há igualmente uma mudança de crítico. Ruy Vaz é substituído pelos pseudónimos: Aquiles e Pátroclo. Dada a alusão grega, é muito possível que este seja pseudónimo de Narciso de Azevedo (1888-1969), tendo em conta igualmente as suas poesias dispersas na segunda série, sempre com citações clássicas e de um pendor sexualizante muito indirecto.<sup>4</sup>

Um pormenor curioso das recensões e nótulas, o que não abona a favor da idoneidade e da imparcialidade que deviam ser características deste tipo de labor, é que alguns dos autores recenseados são ou foram colaboradores de *Gente Lusa*, como é o caso de António Carneiro (recenseado nas nótulas finais com uma alusão

---

<sup>4</sup> Esta pista é-nos dada por uma nota dos próprios Aquiles e Pátroclo, numa recensão a um livro de odes à maneira de Horácio da autoria do jovem poeta António Ferreira. É-nos assim dito na recensão: “No próximo número publicaremos sobre as Horacianas uma apreciação de Narciso de Azevedo.” O que acabou por não suceder, diga-se.

a uma exposição a decorrer nessa altura, p. 17), de Júlio Brandão, ou de Eduardo Pimenta, de António de Lima. Esta estratégia funciona duplamente como um autoelogio da própria revista, bem como de um protecționismo do talento “da Terra de glorioso passado” que é o Porto, como nos é dito no editorial.

*Terra Nossa* constitui um exemplo importante da colaboração pessoana em revistas retiradas tradicionalmente do cânone modernista. A sua importância centra-se fundamentalmente no facto de uma versão inicial de “A Ceifeira” (p. 46) aparecer no terceiro e último número, de Setembro de 1916 (mensal, 1º número é em Maio), versão que é depois revista quando aparece em *Athena*, (n.º 3, 1924) e que é próxima daquela que conhecemos (retira uma estrofe e reescreve dois versos). Curiosamente, é por volta desta altura que o autor decide retirar o circunflexo de Pessôa, de forma a torná-lo mais internacional, cosmopolita, o que contrasta com a publicação numa revista que enfatiza a dimensão nacional (como lemos no “Ponto Final”).

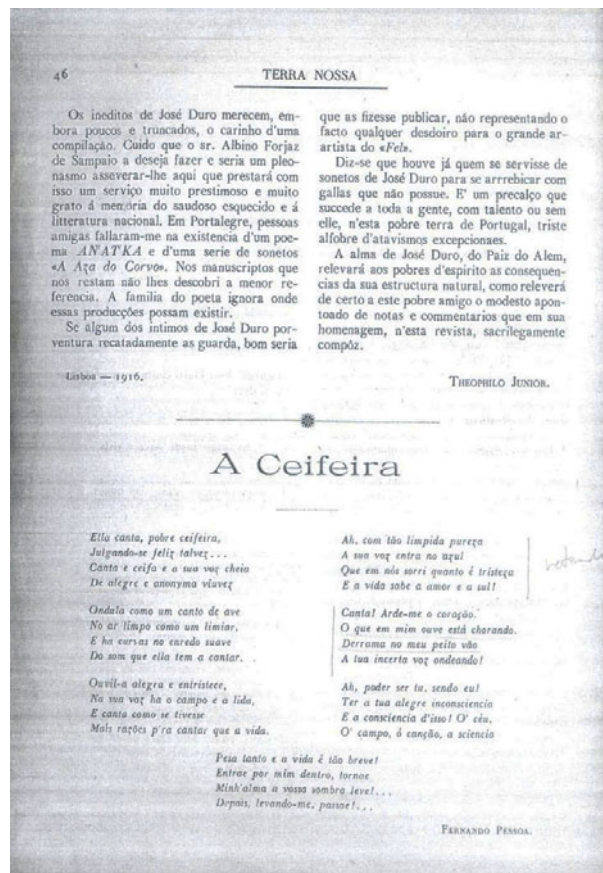


Fig. 4. Poema “A Ceifeira”, na sua primeira publicação na revista *Terra Nossa*.

Diz o “Ponto Final”, última página da revista (p. 55), do primeiro número:

Entrou o mês de maio, o mês da Vida. Entrou o mês de Maio, o mês das primeiras calmas, o mês das feiras, o mês das touradas, o mês das flores, o mês da cor. Entrou o mês de maio e

com ele entrou a publicar-se o nosso modesto mensário cujas páginas traçadas sob a emoção nostálgica da Charneca-Mãe representam os primeiros passos de uma inspiração a caminho de um objectivo maior. Um mensário é necessariamente um jornal que se publica menos vezes do que o comum dos jornais, como o poderia afirmar catedrático qualquer Monsieur de la Palisse em que é fértil esta pequenina terra de Portugal. [...]

Os objectivos traçados não são muito diferentes daqueles que lemos em *Gente Lusa*, se compararmos os dois editoriais: enquanto a revista do Porto nos assegura não ter qualquer programa – assunção reiterada no início da segunda série, em 1917 – aqui o mensário é caracterizado como “modesto”, pretendendo apenas pôr em dia uma “emoção nostálgica” desta região do país. Ambas, no entanto, reiteram que há um caminho maior, mais ambicioso: o culto nobilíssimo da tradição, no caso de *Gente Lusa*, e a inspiração “a caminho de um ‘objectivo maior’” no caso de *Terra Nossa*.

De uma forma geral, e no que toca à estética das capas, esta apresenta-se sem muitos pormenores, com alusão à vida alentejana, fornecendo assim ao poema de Pessoa um contexto espacial específico. No primeiro número, quem desenha a capa é Martinho Gomes da Fonseca, discípulo de Columbano Bordalo Pinheiro. No número dois, da capa diz o Ponto Final, última página da revista, “O desenho da capa d’este número da *Terra Nossa* é um motivo alentejano, que Saavedra Machado tirou do natural em pleno campo. Figura a casa do ferreiro, em Santa Victoria do Ameixial, pequenina aldeia, repleta de evocações, no extremo do concelho de Estremoz”. Já o terceiro e número final, é da autoria de novo discípulo de Columbano, Gil Romero, e temos a informação que o original é uma aguarela a cores.

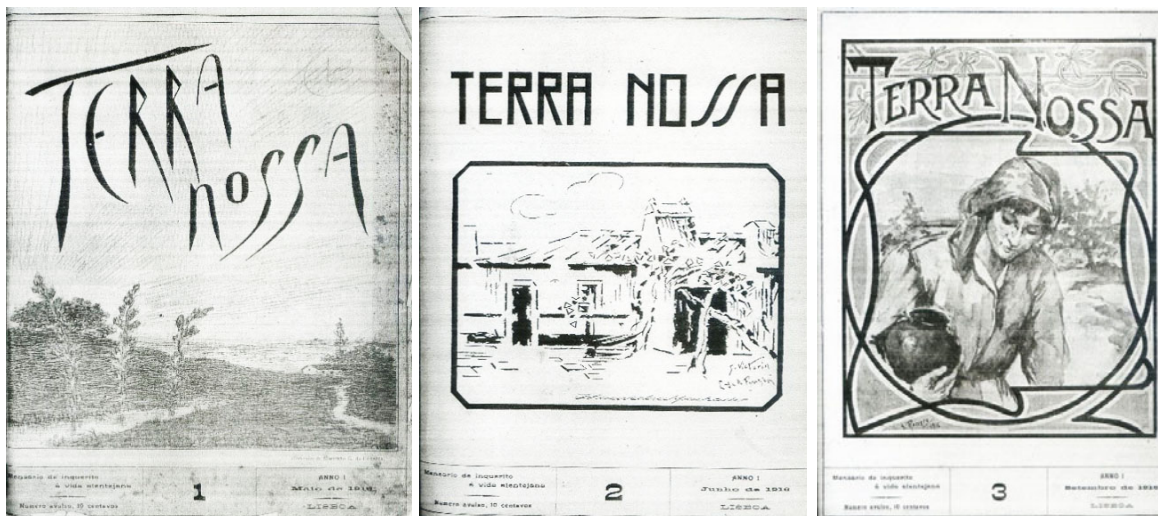


Fig. 5. Capas dos três números da revista *Terra Nossa*.

Em todos os números há uma fotografia de um ilustre poeta: Fialho de Almeida, escritor alentejano recentemente falecido, no primeiro número; o Conde de Monsaraz no segundo; e José Duro, poeta alentejano bem conhecido da altura,



de pose simbolista, no terceiro. Mais uma vez, a estratégia do ponto de vista do conteúdo é a mesma de *Gente Lusa*, mudando apenas o espaço: enaltecer o talento da terra, ou da “Charneca-Mãe” como nos é dito no editorial, seja ele o talento coevo, seja os nomes incontornáveis do passado recente.

Do ponto de vista literário, e para além de Pessoa, são ilustres os colaboradores dos outros números desta revista. O integralista António Sardinha colabora com um extenso “Poema do Outono” (“Vem a subir o Outono, amiga, como será o nosso envelhecer...”, p. 50). É o próprio Sardinha que no segundo número consagra várias páginas ao Conde de Monsaraz, páginas autobiográficas que analisam a obra do autor, seguido daquele que é o “ultimo poema do Conde de Monsaraz”; um artigo sobre Fialho de Almeida (1857-1911), os seus últimos dias, da autoria de Garcia Pulido, seguido de um inédito do autor alentejano e, finalmente, sonetos decadentistas de Hernâni Cidade e de Alberto de Castro Osório.

No terceiro número, Brito Camacho fala do “Celeiro de Portugal”. Sendo um número com poemas inéditos de José Duro e parecendo a ele consagrado, Teófilo Júnior faz uma descrição sumária deste autor, analisando a sua obra comparativamente a outros, como Poe. António Ferro tem um poema dedicado a Augusto Mira da Silva, intitulado “Carpideiras do Sol morto”. No cabeçalho reproduz-se uma versão dos respigadores de Millet, ilustrando o poema. O número termina com um artigo sobre Eça de Queirós em Évora, com trechos das crónicas escritas para o Distrito de Évora pelo escritor de Vila do Conde.

\*

*Exílio* e *Centauro* são dois novos exemplos, talvez os mais importantes de 1916, de uma atitude *arrière-garde* dentro do Modernismo português. Dirigida por Augusto de Santa Rita, irmão de Santa Rita-Pintor, *Exílio*, como o nome indica, é um bom exemplo de uma revista com uma visão dupla de quem está ausente, mas presente ao mesmo tempo. O seu editorial, aliás, não deixa margem para dúvidas, asseverando-se que a nossa geração literária poderá encontrar naquelas páginas o seu lugar de “exílio”, local de desterro e de “beleza”. Este *ethos* é a verdadeira pedra-de-toque da revista, ancorada ainda no Decadentismo simbolista, com um intuito nacionalista e integralista (e por isso eminentemente político) de que António Sardinha é paradigma, insere-se cronologicamente entre *Orpheu* e *Portugal Futurista*. *Exílio*, deve ser notado, é continuada pelos mesmos responsáveis que estiveram ligados a *Orpheu* (Côrtes-Rodrigues, Ferro, Alfredo Guisado-Pedro de Meneses), com textos conciliadores de uma ideologia estética passadista (como dissemos atrás sobre as figuras do passado, é bastante ilustrativo que Guerra Junqueiro apareça com um retrato inédito logo nas primeiras páginas) com outros

mais cosmopolitas (nomeadamente o texto crítico de Pessoa sobre o Sensacionismo, ao qual aludiremos à frente).

Já *Centauro* tem um ímpeto *arrière-garde* bastante próximo do da *Exílio*. Luís de Montalvor, que de resto já colaborara em *Orpheu* no ano transacto, sendo seu director no primeiro número, era director deste número e para ele escreve a sua “Tentativa de Ensaio sobre a Decadência”, artigo com quem abre a revista (Outubro-Novembro-Dezembro 1916, pp. 5-12). Por outro lado, as parecências com *Orpheu*, do ponto de vista do grafismo, são muitas. Para além de não conter qualquer publicidade, anterior ou posterior ao conteúdo da revista, apresentar *hors-texte* ilustrativos, apresenta também uma página de rosto em tudo semelhante à daquela na disposição dos seus elementos, (incluindo o mesmo subtítulo “Revista Trimestral de Literatura”), isto é, a mesma disposição do sumário, de indicação de propriedade, direcção e datação:

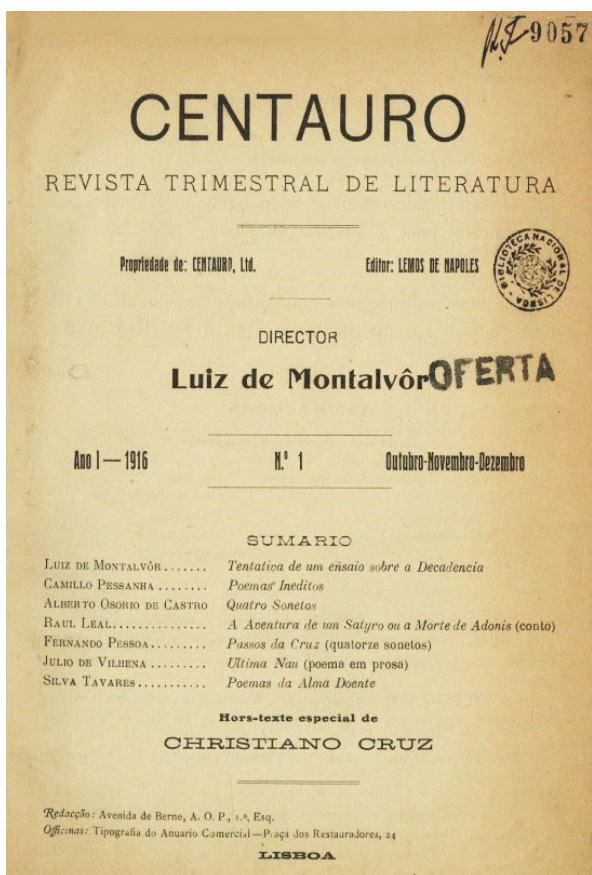


Fig. 6. *Centauro* (número único)

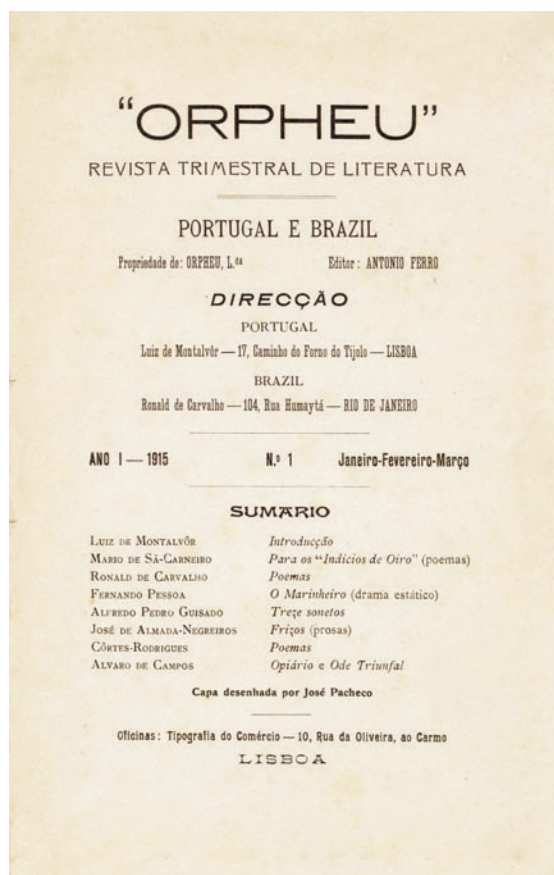


Fig. 7. *Orpheu*, n.º 1.

Por outro lado, o periódico é de resto bastante importante na medida em que é aqui que Camilo Pessanha publica, via Ana de Castro Osório, uma série de “Poemas Inéditos” (pp. 13-32) que virão a constar postumamente de *Clepsidra*

(1926)<sup>5</sup>. Este “provocatório anacronismo” da revista, de que fala Nuno Júdice (*apud* MARTINS, 2008, 155) e que é aqui aplicável mais do que em *Exílio*, está em suma patente na tríade Montalvor-Pessoa-Pessoa, expoentes máximos de uma era que se tentava entender a si própria. No fundo, a verdadeira provocação de que fala Nuno Júdice é exactamente essa de continuar a atender às referências simbolistas do passado, sobretudo depois da revolução que foi *Orpheu*, o que é confirmado em estudos posteriores sobre o Modernismo português (cf. GUIMARÃES, 1992; MARTINS, 2015b) onde se defende essa linha simbolista muito vincada no âmago do movimento modernista.

A colaboração de Pessoa, quer em *Exílio*, quer em *Centauro* é portanto singular e exemplificativa dos múltiplos modernismos vigentes nesta primeira fase do Modernismo português. Em *Centauro*, Pessoa decide enviar ao seu editor outro longo poema, desta feita em catorze sonetos perfeitos, que intitula “Passos da Cruz” (pp. 61-76), uma pequena obra poética composta entre 1914 e 1916 e que se situa precisamente entre o Simbolismo e o Modernismo. Já em *Exílio* a sua colaboração literária é muito semelhante à de *Centauro*. Na primeira, colabora Fernando Pessoa de duas formas - como crítico e como autor. Nesse número único inclui um dos mais importantes poemas do seu primeiro período simbolista, “Hora Absurda” (Abril de 1916, pp.13-16), um poema datado de 4 de Julho de 1913, e portanto datado de meses antes do aparecimento dos heterónimos (Março de 1914). Quando aqui o publica, porém, já Pessoa estaria distante dele, tendo desenvolvido a sua teoria paúlca, primeiro dos seus ismos, noutras direcções, actualizadas pelo Interseccionismo e, subsequente-mente, o Sensacionismo. Por outro lado, é apresentado um texto crítico da sua autoria, sobre o qual falaremos em seguida.

\*

Se 1915 é então o ano de *Orpheu*, 1917 é o de *Portugal Futurista*. Um mês antes do bailado “Parade” (18 Maio) em Paris, realiza-se a 1ª Conferência Futurista (14 de Abril), em Lisboa, e entre elas uma batalha sangrenta, a de Arras (23-24 de Abril), ganha sobretudo pelas tropas inglesas para os aliados. Este é o contexto bélico de uma primeira guerra mundial que vai a meio, e é o contexto em que surgem outras revistas de *arrière-garde* em Portugal : tratam-se de *Alba* e *Sphinx*.

Para falar delas, e perceber assim mais de perto as polivalências estéticas do período entre *Orpheu* e *Portugal Futurista*, aludiremos à figura do poeta João Cabral do Nascimento (1897-1978), que parece ser algo tutelar sobre o período.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Poemas estes que deveriam ter constado do malogrado e sempre adiado número 3 de *Orpheu*, pedidos directamente por Pessoa a Pessoa por carta.

<sup>6</sup> Não falaremos, porém, da sua participação em *A Tradição*, periódico bimensário integralista, de existência efémera – foram publicados apenas dois números, um em 15 de Maio e outro a 9 de

Colaborador de inúmeras revistas e outras publicações periódicas relacionadas com o Modernismo, no tempo em que esteve a estudar em Coimbra, foi um dos fundadores da revista *Ícaro* (1919-20, três números), uma das revistas que, no dizer de Fernando Guimarães, preparou a eclosão de *presença*.<sup>7</sup>

Logo Fernando Pessoa o chama para o Sensacionismo com a saída do seu primeiro livro, com um texto com o qual termina o número único de *Exílio* (1916), verdadeiro manifesto desse ismo pessoano num texto que estava destinado, um ano antes, ao número 3 de *Orpheu*. O livro em causa, hoje esquecido<sup>8</sup>, intitulava-se *As Três Princesas Mortas num Palácio em Ruínas* e tinha “qualidades de imaginação e inteligência que podem fazer dele um poeta inadjectivável”, ainda que apresentem elementos “inarmónicos e inindividualizados” [sic] (pp. 46-48). É de ressaltar o curioso apontamento moderno numa publicação que é eminentemente decadentista, facto que já foi relevado por outros autores. Aliás, Pessoa e outros, como Mário de Sá-Carneiro, colaboram sempre com outras revistas estabelecidas, ainda que estejam na vanguarda.<sup>9</sup>

Em *Sphinx*, “revista de novos”, que apenas teve dois números, colaborou Cabral do Nascimento no segundo número com dois sonetos ainda do seu período inicial: “Luar Enfermo” e “Estação Morta”<sup>10</sup>; são poemas que muito devem ao diapasão simbolista, incluindo uma “princesa” que ecoa o título e tema do livro recenseado no ano transacto em *Exílio*. Mas de *Sphinx* temos de reter o facto de a sua direcção artística ser ocupada por dois vultos do Modernismo que se desenvolveria nas décadas seguintes em Portugal – Leitão de Barros e Cottinelli

Junho de 1917, ambos dirigidos por Cordeiro Ribeiro. Contam-se Afonso Lopes Vieira e o Conde de Monsaraz como seus pares na revista.

<sup>7</sup> Enquanto tradutor, assumiu o pseudónimo de Mário Gonçalves, tendo traduzido grandes nomes da literatura mundial (Pearl Buck, Poe, Conrad, D.H. Lawrence). Sobre ele diz Óscar Lopes, na *História da Literatura Portuguesa*, “A poesia de Cabral do Nascimento evolui de um certo neoclassicismo esteticista até ao lirismo que tudo tende a reduzir como que à simples apreensão do ritmo do tempo pela melodia das palavras e imagens, num tom que lembra muita a amarga sabedoria desistente de Pessanha. E é pelo seu equilíbrio sereno, cantabile, por essa como que interiorização do tempo, que aqui incluímos este poeta, pois foi de início bafejado por ventos decadentistas e saudosistas-nacionalistas.”

<sup>8</sup> É um volume de 20 sonetinhos, dois dos quais dedicados à mesma pessoa, Alfredo Guisado, e ao seu pseudónimo Pedro de Menezes, também visado aliás neste artigo de *Exílio* de Pessoa.

<sup>9</sup> Existe um pequeno apontamento em prosa, datado de Outubro de 1915 e apenas publicado in *Ilustração Portuguesa*, n.º 513 de 20 de Dezembro de 1915 que Mário de Sá-Carneiro intitulou “A Batalha de Marne: impressão de aniversário.” Neste número especial de Natal, o editorial é assinado por Júlio Dantas, o que numa carta, de 29 de outubro de 1915, a Pessoa deixa muito desconfortável Mário de Sá-Carneiro, não deixando este de lembrar Pessoa que este também havia colaborado com a anti-monárquico e anti-integralista *Eh Real* (1915), de que só saiu um único número.

<sup>10</sup> Poemas que constariam de um dos seus livros de 1917, *A Hora de Noa* (cf. NASCIMENTO, 2003). Aparecem originalmente in *Sphinx*, n.º2, Março de 1917, pp. 36-37.

Telmo. Efectivamente, se a publicação está longe de ser considerada próxima da Vanguarda (e de *Portugal Futurista* em particular, que sairia em Novembro), apresenta um texto de Cottinelli Telmo (sob pseudónimo de José Ângelo) que é considerado por Fernando Cabral Martins como “paúllico especialmente arrevezado e ornamentado de maiúsculas” (Cf. MARTINS, 2008: 826), o que o põe no centro, ainda que tardiamente, do paulismo desenvolvido por Pessoa poucos anos antes.

*Alba*, uma revista dos alunos da Faculdade de Direito, é outra *Revista de Novos, Mensal, Literária e Artística*, dirigida por Vasco Camélier, da qual saíram apenas 3 números. Apesar disso, é apresentada logo no primeiro número por um nome consagrado (e detestado pelos vanguardistas) – Júlio Dantas, em modos que estão nos antípodas do que escreveriam os poetas de *Orpheu* no editorial do primeiro número (p. 1):

[...] A ALBA tem um só programa: a beleza. A ALBA aparece quando deve aparecer: na primavera. Saúdo-a com a viva esperança com que nós todos, homens de letras, quando começam a apontar os primeiros cabelos brancos, saudamos a juventude que chega.

Efectivamente, e se atentarmos no editorial de *Orpheu* e a este o compararmos, a mesma palavra – Beleza – ali aparece como fito da publicação, mas enquanto em *Alba* a sua comunicação é caracteristicamente trivial (vinda de um poeta consagrado), já a de *Orpheu* pretende ser renovada, diferente dos demais, uma ‘beleza’ dos novos cumprida como destino: “Puras e raras suas intenções como seu destino de beleza é de: Exílio! Bem propriamente, ORPHEU é exílio de temperamentos de arte que a querem como a um segredo ou tormento...” (Março de 1915, pp. 5-6).

Em *Alba*, Cabral do Nascimento contribui logo no segundo número, de Maio, com um poema intitulado “A oração das catedrais ao poente”. Ainda que publicado no mesmo ano de outros poemas, como os de *Sphinx*, que já vimos, este apresenta uma estrutura diferente, longe do soneto, e até próxima do tema de “Nossa Senhora de Paris”, de Mário de Sá-Carneiro (saída, como se sabe, no primeiro número de *Orpheu*), ainda que não o levando tão à frente, com as inusitadas flexões de verbo e o tom interseccionista do poeta suicida.

De índole claramente luso-brasileira foi a revista *Atlântida* (1915-20), um caso de grande sucesso e longevidade no primeiro modernismo português (5 anos e 48 números). É uma revista equilibrada, que mescla a parte política com a literária e a cultural, apostando fortemente nas artes pictóricas, mostrando não só aceitar António Carneiro, pintor, como vimos, que colabora com revistas do norte eminentemente *arrière-garde*, como também Almada Negreiros, um dos de *Orpheu*. Por outro lado, estão aqui igualmente patentes as homenagens a figuras ilustres, visto o seu 19º número ter sido consagrado a Guerra Junqueiro (1850-1923), seu colaborador, a par de Teófilo Braga e Jaime Cortesão. Outra figura do norte, Júlio

Brandão, já aqui referido, seria um dos responsáveis pela crítica literária (e desde o número 15, a crítica de arte seria assinada por Aquilino Ribeiro e pelo primeiro director do Museu de Arte Antiga, José de Figueiredo). Assim vemos como logo no ano de *Orpheu, Atlântida* vem alongar esta vertigem cosmopolita da primeira revista (de lembrar que *Orpheu*, sempre virada para o exterior, se iria chamar primeiramente “Europa”), não deixando de fazer alinhar, nas suas páginas, não só artistas e literatos consagrados e de renome, mais conotados com uma verve finissecular decadentistas, com outros nomes mais novos e mais vanguardistas.

Caso igualmente curioso é o aparecimento do número espécime de *Contemporânea*, ainda neste mesmo ano de *Orpheu*, 1915. Normalmente é associado ao aparecimento da revista uma das figuras que igualmente fizeram a história dessa revista, José Pacheco (1885-1934) o artista e ilustrador, mas a actividade mais importante deste periódico foi sobretudo nos anos 20, de 1922 a 1926. A guerra domina o número espécime, com diversos artigos a ela devota, incluindo a parca colaboração literária (nomeadamente do seu director, com um poema longo “Aos Soldados que partem”, p. 5).

É comumente aceite que *Contemporânea*, apenas ganhará verdadeiro corpo quase dez anos mais tarde, já na década de vinte (1922-1926), com a retoma da sua publicação. O primeiro suplemento, de Março de 1925, já em formato de jornal e não revista, é, neste contexto, extremamente importante – constitui uma homenagem à geração de *Orpheu*, como se vê logo no frontispício, que aqui reproduzimos:



Fig. 8. Capa do 1º Suplemento de *Contemporânea* (1925)

A *Ideia Nacional*, de 1915, surge no mesmo mês de Março que *Orpheu* e apesar de ser bissemanal, e assim ter chegado facilmente ao número 18, também acaba em Maio desse ano. Iminentemente monárquica, vai fechar com o surgimento da Ditadura de Pimenta de Castro, para retornar no ano seguinte com o mesmo Homem de Cristo Filho, já retornado do exílio, na direcção e José Pacheco, de *Orpheu*, como redactor artístico. O subtítulo iria igualmente ser modificado, no sentido de ser mais explícita a sua direcção, passando a ter o longo título de *Revista Monárquica Semanal Ilustrada, Política, Arte, Literatura, Modas, Elegâncias, Sport*. Na verdade, não é só o nome que muda, há um grande salto pictórico qualitativo quando a revista é retomada, em 1916. Em primeiro lugar, as capas começam a ter imagens, hoje icónicas, da gramática modernista, muitas delas da responsabilidade de Almada Negreiros. Por outro lado, Sonia Delaunay, recentemente chegada de Paris com o seu companheiro Robert Delaunay, vai igualmente colaborar na parte artística da revista nesta sua segunda vida (de notar que a artista não só aqui colabora como virá a ser instrumental no contacto com Paris, de que é exemplo a publicação do poema “Arbre” de Apollinaire, conseguida por ela para a *Portugal Futurista*), bem como o pintor Eduardo Viana, com quem o casal francês habitou em Vila do Conde e cujo orfismo influenciou o seu trabalho da altura (nomeadamente o óleo “K4 O Quadrado Azul”). Por último, esta segunda série apresentará alguma correspondência entre essa primeira

geração modernistas, nomeadamente Amadeo, Almada e Santa-Rita Pintor, assim como um ‘reavaliado’ Pessoa, anteriormente criticado na primeira série.

Se efectivamente pareceria a início uma revista aberta à participação dos modernistas (pela presença facilitadora de José Pacheco), a série de polémicas que decorre nas páginas da revista durante o mês de Abril e Maio de 1916 com Homem de Cristo Filho e Almada à cabeça faz desbaratar o grupo.<sup>11</sup>

\*

A história das revistas literárias deste período são feitas pelos indivíduos que as personificaram e que lhes deram corpo e ideia. Vimos por isso Fernando Pessoa, que idealiza a vanguardista *Orpheu* em 1915, e depois colabora em 1916 com *Exílio* e *Centauro*, comumente aceites como as revistas mais importantes de 1916, e uma espécie de *arrière-garde* no Modernismo português. Vimos igualmente Cabral do Nascimento, poeta importante da época, que colabora de perto com as revistas mais importantes de uma primeira fase do Modernismo português, referido pelo mesmo Pessoa (através do seu primeiro livro) como pertencente ao Sensacionismo.

Parece-me assim, por esta brevíssima análise de revistas literárias dos três anos que mediaram entre *Orpheu* e *Portugal Futurista*, que *Exílio* e *Centauro* não estariam sozinhas na sua invectiva nacionalista e decadentista, havendo, em simultâneo, uma outra corrente mais progressista e vanguardista, de que aliás são exemplo as primeiras. Como propusemos a início, esta dupla invectiva – *arrière* e *avant-garde* – complexifica o Modernismo português (de facto, talvez apenas se possa usar a expressão no plural – “Modernismos”, como aponta MARTINS, 2015a) a ponto de mostrar a interligação de uma perspectiva mais transnacional e cosmopolita com um nacionalismo literário muito forte. Parece assistir-se, por um lado, nas revistas mais de perto analisadas, a um movimento de sacralização e canonização de autores finiseculares e ainda pertencentes ao século anterior, de forma a cimentar as fundações dessa mesma tradição – autores que, como se viu, em tudo têm a ver com a terra gloriosa de Portugal e do local de onde vieram, e

---

<sup>11</sup> Polémica resumida por Sara Afonso Ferreira no seu verbete sobre a revista, que aqui lembramos. Depois do ataque do semanário católico *A Ordem* à capa de Almada representando um cristo verde, e depois de uma defesa muito ténue do director de *Ideia Nacional* do desenho de Almada, o mesmo director da revista ataca implacavelmente todos os futuristas “que considera ‘novos arautos da anarquia’, ‘bastardos invejosos do génio criador’, e sem dúvida inspirado no desenho de Almada, ‘iconoclastas impenitentes sem Fé nem Pátria!’.” Por outro lado, Homem Cristo Filho é acusado por outro semanário católico de “cumplicidade com o ‘Modernismo’ dos que ‘têm criado a Contemporânea, *Orpheu* e quejandos repositórios de banalidade’ (*A Voz da Verdade*, 27-4-1916).” A última gota foi o suicídio de Mário de Sá-Carneiro, cuja notícia saiu naquela revista anunciando que morrera um poeta de obra “mórbida”, “defeituosa” e “pequenina”, que o tempo iria tragar. (MARTINS, 2008: 345-346).



por outro, parece convergir um desejo de ser fiel a essa mesma tradição secular de forma a assim estar mais atento ao presente das coisas simples, e assim mais actual.

## Bibliografia

### Artigos e monografias:

- BARREIRA, Cecília (1981). *Nacionalismo e Modernismo. De Homem de Cristo Filho a Almada Negreiros*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- D'ALGE, Carlos (1989). *A Experiência Futurista e a Geração de Orpheu*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- GUIMARÃES, Fernando (1992) [1982]. *Simbolismo, Modernismo, Vanguardas*. Porto: Lello & Irmãos.
- JÚDICE, Nuno (1993) [1981]. *Poesia Futurista Portuguesa (1916-17)*. Lisboa: Vega.
- MCNEILL, Patrícia (2015). "Orpheu e Blast: resistência e afirmação pela revista modernista", in *Colóquio/Letras*, n.º 190, Lisboa, pp. 28-36.
- MARTINS, Fernando Cabral (2015a). "Múltiplo modernismo: Teixeira de Pascoaes, *Verbo Escuro*, 1914", in *Colóquio/Letras*, n.º 190, Lisboa, pp. 59-67.
- \_\_\_\_ (2015b). *Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- \_\_\_\_ (2008) (org.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho.
- MARX, William (2008). *Les Arrières-gardes du XX<sup>e</sup> siècle – L'autre face de la modernité esthétique*. Paris: PUF.
- NASCIMENTO, João Cabral do (2003). *Obra Poética*. Porto: Edições ASA.
- PESSOA, Fernando (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PIRES, Daniel (1996). *Dicionário da Imprensa Periódica Literária, 1900-1940*. Lisboa: Grifo.
- ROCHA, Clara (1985). *Revistas Literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (2015). *Em Ouro e Alma: correspondência com Fernando Pessoa*. Edição crítica de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- SCHOLES, Robert et al. (2010). *Modernism in the Magazines: an introduction*. New Haven: Yale University Press.
- TOCCO, Valeria (2007). "Il Futurismo portoghese tra sperimentalismo e conservazione", in *Avanguardie e lingue iberiche nel primo Novecento*. Stefania Stefanelli (ed.). Pisa: Scuola Normale Superiore.
- VASCONCELOS, Ana Isabel et al. (2004). *O Teatro de Lisboa no Tempo da Primeira República*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

### Revistas literárias (referidas e analisadas)

- Alba: Revista de Novos, Mensal, Literária e Artística* (1917). Dir. Lit. Vasco Camélier. Lisboa: António Pinto de Campos. (3 números).
- Atlântida: Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil* (1915-1920). Dir. João do Rio e João de Barros. Lisboa: P.B. Pinheiro. (48 números).
- Camilliana: Archivo de Materiaes para um Monumento Litterario ao Grande Escripitor* (1916). Dir. lit. Alfredo de Faria. Porto: A.F. (número único).
- Centaurus: Revista trimestral de Literatura* (1916). Dir. lit. Luís de Montalvor. Lisboa: Typographia do Annuario Commercial. (número único).

- Contemporânea: Grande Revista Mensal* (1915). Dir. João Correia de Oliveira; dir. artístico José Pacheco. Lisboa: Imprensa Líbano da Silva. (número espécime); (1922-26). Dir. lit. José Pacheco. (13 números).
- Eh Real!* (1915). Dir. João Camoesas. Lisboa: J. Camoesas. (número único).
- Exílio: Revista Mensal de Arte, Letras e Ciências* (1916). Dir. lit. Augusto de Santa-Rita. Lisboa: Rodrigues e C<sup>a</sup>. (número único).
- Gente Lusa: Arquivo de Letras e Artes* (1916-1917). Dir. Carlos de Moraes, Zacarias Correia. Praia da Granja: António Reis. (10 números, 2 séries).
- Ideia Nacional: Revista Política Bi-semanal* (1915). Dir. Homem de Cristo Filho. Aveiro: s.n. (18 números); (1916). 2.a série. (28 números).
- Sphinx: Revista Mensal Ilustrada* (1917). Dir. Laura de Almeida Nogueira, Celestino Soares. Lisboa: Luis d'Almeida Nogueira. (2 números).
- Terra Nossa* (1916). Dir. lit. António Lobato Adegas. Lisboa: Typ. Anuario Commercial. (3 números).
- (A) *Tradição: Bimensário integralista, político, literário e artístico* (1917). Dir. J. Cordeiro Ribeiro. Lisboa: Armando da Silva. (2 números).